

ENVIADESCER NO CIBERESPAÇO: LINN DA QUEBRADA E REPRESENTAÇÃO TRANS NO *YOUTUBE*

El Enviadescer en el ciberespacio: Linn da Quebrada y representación trans em el *Youtube*

Enviadescer in cyberspace: Linn of the transformation and representation trans on *Youtube*

Luan Correia Cunha Santos¹
Yara Cinthya Walker da Silva^{2, 3}

RESUMO

Este artigo busca estudar as formas de comunicação, representação, protagonismo e recepção de travestis e transexuais dentro do ciberespaço, especialmente na rede social de compartilhamento de vídeos, o *Youtube*, a partir da produção audiovisual do vídeo clipe da música “enviadecer” da performer Linn da Quebrada. O objetivo é identificar as formas como indivíduos trans utilizam esse novo espaço para protagonizarem suas representações sociais e, como essas têm descontextualizado o hétero-estereótipo negativo referente à população LGBT em uma sociedade em que as relações são mediadas pelos dispositivos digitais com intensidade cada vez maior. A partir de estudos bibliográficos que abordam os temas relacionados à cibercultura, representação, produção e recepção comunicacional, e observação do objeto, o estudo aponta para a emergência da população trans conquistar espaços de protagonismo em seus processos de comunicação.

¹ Graduando em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: luanjack@gmail.com.

² Graduanda em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: yara.w97@gmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal de Roraima. Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Av. Ene Garcez, S/N, Aeroporto, CEP: 69304-000 - Boa Vista, RR – Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Transexualidade; Travestilidade; Ciberespaço; Representação; Enviadescer.

ABSTRACT

This article seeks to study the forms of communication, representation, protagonism and reception of transvestites and transsexuals within cyberspace, especially in the social network of video sharing, Youtube, from the audiovisual production of the music video "enviadescer" by performer Linn Da Quebrada. The goal is to identify the ways in which trans individuals use this new space to carry out their social representations and, as these have decontextualized the negative stereotype about the LGBT population in a society in which relations are mediated by digital devices with increasing intensity. Based on bibliographic studies that deal with issues related to cyberculture, representation, communication production and reception, and observation of the object, the study points to the emergence of the trans population to conquer spaces of protagonism in their communication processes.

KEYWORDS: Transsexuality; Travestility; Cyberspace; Representation; Enviadescer.

RESUMEN

Este artículo busca estudiar las formas de comunicación, representación, protagonismo y recepción de travestis y transexuales dentro del ciberespacio, especialmente en la red social de compartir videos, el Youtube, a partir de la producción audiovisual del video clip de la música "enviadescer" de la intérprete Linn da Quebrada. El objetivo es identificar las formas como individuos trans utilizan ese nuevo espacio para protagonizar sus representaciones sociales y, como éstas han descontextualizado el heterólogo-estereotipo negativo referente a la población LGBT en una sociedad en que las relaciones son mediadas por los dispositivos digitales con intensidad cada vez mayor. A partir de estudios bibliográficos que abordan los temas relacionados con la cibercultura, representación, producción y recepción comunicacional, y observación del objeto, el estudio apunta a la emergencia de la población para conquistar espacios de protagonismo en sus procesos de comunicación.



PALABRAS CLAVE: Transexualidad; Travestilidad; Ciberespacio; Representación; Enviadescer.

Recebido em: 18.11.2017. Aceito em: 17.12.2017. Publicado em: 02.01.2018.

Introdução

No presente artigo analisaremos o processo comunicacional de representações trans no ciberespaço tendo como base os mecanismos tecnológicos possibilitados a partir das características relacionais da Web 2.0 e como tais interações permitem a ressignificação e representação na recepção, expressa através dos comentários do vídeo musical “Enviadescer” da performer Linn da Quebrada, veiculado na rede social *Youtube*. Tomando a partir de seu exemplo algumas características fundamentais referentes à representação e protagonismo de pessoas trans no ciberespaço, bem como suas diversas formas de recepção e ressignificação do conteúdo por parte dos usuários.

O crescimento do uso do ciberespaço e o avanço nas Novas Tecnologias de Comunicação (NTC) estão modificando a forma de nos relacionarmos e interpretarmos o mundo

(FERRARI, 2013). Antes tido apenas como uma extensão do mundo material, hoje as relações sociais não só passam pelo virtual, mas também, originam-se, modificam-se e, às vezes, culminam em seus domínios. Entendemos por ciberespaço, um ambiente virtual onde experiências transformadoras provocam inovações culturais a partir do uso da técnica, sendo vinculado a ele práticas e atitudes, pensamentos e valores (LÉVY, 1999).

A própria ascensão de tal ambiente é resultado de uma exploração, em sua grande maioria por jovens, que buscam coletivamente novas formas de diálogo diferente das impostas pelas mídias tradicionais (LÉVY, 1999), e que assim acabam por fortalecer uma comunicação descentralizada, onde todos podem se comunicar com todos, sem que haja um grande emissor e uma massa passiva de receptores neste processo.

Embora, seja necessário o questionamento sobre a real democratização ao acesso a internet no

Brasil, visto que a última Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em novembro de 2017, apontou que apenas 63,6% das residências brasileiras possuem conexão⁴, este número tem aumentado, especialmente comparado à mesma pesquisa divulgada em 2014 em que os dados constavam 54,9% dos domicílios com acesso a rede. Como consequência do aumento, os usos e atribuições do ciberespaço ganham mais visibilidade e importância no cotidiano social.

Entre os sites mais acessados no Brasil, as redes sociais se destacam: A rede de compartilhamento de vídeos, o Youtube aparece como o segundo site mais visitado no país, atrás apenas do site de pesquisas Google, enquanto o Facebook, outra rede social, configura o quarto maior acesso dos brasileiros no ciberespaço, segundo dados do site

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/mais-de-63-dos-domicilios-tem-acesso-a-internet-aponta-ibge.ghtml>. Acessado em 12/12/2017.

internacional ALEXA, divulgados no Brasil pelo portal da revista Exame⁵.

Compreendendo que as formas de utilização e absorção das novas NTC não se configuram fora do pertencimento humano, tendo na humanidade, seus desejos e necessidade sua formulação (LÉVY, 1999), se estamos aderindo com rapidez ao ciberespaço, suas tecnologias e a redes sociais, é porque trata-se a priori de uma necessidade humana, aperfeiçoada e amplificada pela técnica. Sites de cultura colaborativa, como o caso do Youtube, demonstram a necessidade de modificação na forma massiva e hierárquica no uso midiático, exemplificando o pensamento de JENKINS em que “as audiências [...] estão exigindo o direito de participar no âmbito da cultura” (2006, p.24).

Mesmo com o acesso desigual no Brasil (e no mundo) e um monopólio de determinados sites como Google e Facebook, as formas de comunicação no

⁵ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/tecnologia/os-50-sites-mais-acessados-do-brasil-e-do-mundo/>. Acessado em 18/08/2017.

ciberespaço trazem algumas características novas, especialmente no que se refere a grupos historicamente marginalizados pela mídia tradicional, como é o caso da população travestis e transexual.

Sites de cultura participativa permitem que sujeitos transexuais, travestis e transgêneros (TTT) e outros recortes dentro do espectro LGBT, participem ativamente no processo de construção cultural contemporâneo (RAUN, 2010), um espaço que antes lhes era negado pela mídia clássica, além de se configurar como um novo ambiente de representação e protagonismo.

Representação e Protagonismo no Youtube

Ao acionar as representações de pessoas trans no ciberespaço, é necessário uma breve discussão em torno do conceito de representação empregado neste trabalho, especialmente se levado em consideração as especificidades desta parcela populacional, e especialmente o

intuito deste trabalho que é mostrar as formas como pessoas em trânsito entre os gêneros se utilizam do ciberespaço para atualizarem suas representações sociais.

Partindo do conceito de Stuart Hall, em que representação é um processo ativo de estabelecer sentidos e classificações, tendo como mediação a linguagem (apud SANTI, 2009), podemos considerar que são elas que foram o ecossistema comunicacional ganhar movimento. Cria-se a partir de então um espaço interdependente em que as representações são espelhadas nas práticas sociais, da mesma forma que tais práticas auxiliam no processo de representações. Sendo assim, “cada prática social é construída na interação entre significado e representação e pode ela mesma, ser representada” (SANTI, 2009, p.34).

A comunidade Trans, por exemplo, e as formas como é representada na maioria das vezes pelos meios tradicionais de comunicação, tendem a uma significação cômica/ridicularizada ou

hipersexualizada/vulgarizada que associam esses sujeitos a uma “artificialidade de seu gênero e a incapacidade para encarar masculinidade ou feminilidade (RAUN, 2010, p.06). Esta representação está associada diretamente a outros fatores sociais que marginalizam os gêneros dissidentes⁶, sendo assim as representações influenciadas por práticas sociais discriminatórias, assim como, tais representações reforçam a perpetuação de práticas que desumanizam pessoas em trânsito entre os gêneros.

Não é incomum que encontremos em novelas e programas de entretenimento a imagem de pessoas trans ou travestis de forma estereotipada, escrachada, ou notícias veiculadas por produções jornalísticas que associem a imagem a população de gêneros dissidentes apenas a marginalidade, prostituição, criminalidade, associando pessoas trans ao que podemos denominar como hétero estereótipo-negativo, sendo este uma crença negativa

⁶ Pessoas em trânsito entre os gêneros.

compartilhada sobre um agrupamento humano distinto, formado a partir de um ou mais critérios, como no caso, sexo, moralidade, profissão e gênero (LIMA & PEREIRA).

No entanto, segundo Stuart Hall (apud Vilso 2009), não existe representação (no singular significando unidade) e sim representações (plural), estas operam no tecido social em cadeias discursivas e agrupamentos. Neste caso, compreende-se que, embora exista uma representação hegemônica de pessoas em trânsito entre os gêneros pelos meios tradicionais de comunicação, esta não é única, e interage com outras ideologias, o que as tornam dinâmicas e passíveis de atualização.

Com a abertura de novos espaços, como nas redes sociais, populações marginalizadas conseguem um espaço de voz inédito no campo das comunicações, podendo ter grandes alcances, reforçando seu protagonismo no processo representacional, movimentando o imaginário social. Se tratando da rede social de

compartilhamento de vídeos, o *Youtube*, por exemplo, os usuários não encontram apenas uma vasta variedade de vídeos sobre quase qualquer tema, mas também um espaço para produzir e compartilhar suas produções, sejam essas amadoras ou profissionais, campos para interações entre indivíduos e possibilidades de ampliar seu alcance.

Quando um usuário produz algum conteúdo no Youtube, este se comunica para audiências selecionadas (pessoas trans, LGBT's, ou curiosas com o tema), enquanto ao mesmo tempo encara a possibilidade de uma audiência global, visto que suas produções tornam-se públicas, de modo a permitir uma "consciência e defesa de direitos para assuntos relacionados à questão trans e para fazerem vozes serem ouvidas" (RAUN, 2010, p.5).

O ciberespaço está na linha de frente no processo de protagonismo representacional das minorias sociais, considerando que trata-se de um canal comunicacional descentralizado e com maior facilidade de acesso. Portanto, a

presença de pessoas trans no ciberespaço, assim como em qualquer outro lugar, é fundamental para que interações sociais sejam criadas, e partir de tais práticas, atualizem-se representações que não necessariamente associem transexualidade ao hétero estereótipo-negativo.

A web 2.0 é a segunda fase de navegação da internet e tem como principal característica o protagonismo dos usuários, especialmente em seus processos de publicação de conteúdo autoral, compartilhamento, organização e interação (PRIMO, 2007), possibilitando que a partir de tais mecanismos sujeitos tenham maior controle sobre a construção de uma imagem de si e de divulga-las na rede, abrindo uma infinidade de possibilidades "tanto para a invenção de si, criação fictícia do eu, quanto para contatos e relações trocas sociais e interação" (SILVA, 2014, p.2). Tendo as relações humanas cada vez mais mediadas pela tecnologia, as redes assumem um papel de centralidade no processo de representação.

“A maior possibilidade de participação na cultura midiática permite às pessoas trans tomar conta de sua própria representação” (RAUN, 2010). É o caso de artistas e personalidades que tem ganhado notoriedade na sociedade depois de terem visibilidade expressiva dentro do ciberespaço.

O ciberespaço também abre possibilidade para a criação de novos contextos comunicacionais. Enquanto as repetições sociais reforçam as estruturas violentas para pessoas trans, a partir das práticas cotidianas, existe a possibilidade de “descontextualizar” repetições, também a partir dos atos, criando assim novos significados e representações. Como apontado por Judith Butler (apud BENTO, 2003, p.3)

São as repetições descontextualizadas do “contexto natural” dos sexos, consideradas pela autora enquanto “performatividades *queer*”, que possibilitam a emergência de práticas que interrompam a reprodução das normas de gênero e abre espaço para produção de contra discursos à naturalização das identidades.

Consolida-se assim, o ciberespaço, a partir de suas tecnologias

comunicacionais que reforçam as práticas sociais, um lugar para criação de novas representações, a partir das citações descontextualizadas.

Interações e Estruturas de Relacionamento na Web 2.0

Considerando a centralidade do ciberespaço nos dias atuais, é necessário compreender as mudanças trazidas ainda na década de 2000 e que projetaram para a web um espaço onde as interações humanas cotidianas e frequentes são o principal objetivo e atrativo das navegações cibernéticas.

A Web 2.0 potencializa o social com o apoio da tecnologia da informática, como trabalhos coletivos, trocas afetivas, produções e circulações de informações e, muda a ênfase no uso da internet, que outrora era focada em publicações como construções isoladas e que passa a ser então participativa, visando uma construção coletiva (PRIMO, 2007). Não basta apenas a publicação, a

ressignificação e interação da audiência são partes fundamentais, se não as mais importantes do processo comunicacional, por se tratar do espaço onde a comunicação se renova.

Outras características que amplificam tal movimento é a substituição do modelo "*Push*" em que o conteúdo era "empurrado" até a audiência, sem levar em consideração suas especificidades, para o modelo "*Pull*" em que o conteúdo é "puxado" pela audiência, de acordo com suas formas de recepção, resignificação e preferência. (PRIESTMAN apud PRIMO, 2007). O modelo RSS⁷ que permite, entre outras funções, que os usuários sigam determinado produtor de conteúdo e sejam notificados sempre que uma nova produção for lançada. Na web 2.0 a audiência não é passiva e destinada a assistir conteúdos podendo apenas endossá-los ou refutá-los, mas também

tem a possibilidade de produzir, tornando-se produtor e consumidor simultaneamente (PRIMO, 2007).

Tais mecanismos e características deram origem ao processo relacional presente até a atualidade nas interações na web. Nele, o "Eu" (usuário) quando interage diretamente com alguém mantendo um diálogo próximo, denominaremos seu interlocutor como "Tu", e "Ele" ou "Eles" quando a interação se der em um nível distante, porém, em ambos os casos temos uma conversação mútua. A comunicação com "It" (do inglês "isto") é quando o "Eu" se relaciona com uma máquina ou programa, em grande parte das vezes com mensagens massivas, onde a resposta do "Eu" é geralmente ignorada, como no caso de spams, neste temos uma interação reativa (PRIMO, 2007).

Dentro da mesma perspectiva também se encontra o "Nós", grupo em que todos os participantes "Eu" e "Vós" (plural de "Tu") se conhecem e se reconhecem como parte de um mesmo grupo que partilham interesses e afetos. E

⁷ Rich Site Summary, modelo utilizado normalmente em sites que possuem grande número de atualizações e que permite que os usuários da internet recebam notificações sempre que um conteúdo novo é lançado.

ainda, “Nós/Todos” quando a interação ocorre em um grupo de desconhecidos, desconsiderando relações de afetividade, mas podendo haver sentimentos de pertencimento e interesses (PRIMO, 2007), como é caso da comunidade trans quando se relaciona através de comentários nos vídeos do *Youtube*, embora na grande maioria das vezes não se conheça o grupo para o qual o “Eu” fala, existe o compartilhamento de um sentimento de pertencimento, seja ele de inclusão ou exclusão e há um interesse comum em debater determinado tema, normalmente proposto a partir do conteúdo.

O conteúdo das interações é o que caracteriza a interação social (mensagem trocada), e a ele sempre está ligado a um contexto, podendo ser geográfico, político, social, temporal, ou todos estes simultaneamente (PRIMO, 2007). É o que existe entre os agentes e suas mensagens, o que faz com que se fortaleçam os vínculos de relacionamento.

Também é presente no aspecto relacional a “coletividade”, está sendo

caracterizada por bens publicamente produzidos, compartilhados por todos/diversos membros e que podem ser construídos e reconstruídos coletivamente, se diferenciando de “Nós/Todos”, pois na “Coletividade” não existe a possibilidade de conversação (PRIMO, 2007), embora sua produção possa ser resultado de um diálogo entre “Nós/Todos”.

Tais processos de interação são fundamentais para se compreender de maneira mais específica a forma como sujeitos trans se comunicam utilizando as NTC, como fortalecem seu processo de representação social a partir delas, e como essa representação de fato ocorre e é expressa a partir da recepção da audiência.

Linn Da Quebrada – O verbo “enviadescer”

Dentro do *Youtube* e em outros sites no ciberespaço, uma das representações trans que tem ganhado

maior visibilidade e destaque é a performer Linn da Quebrada. Auto apresentada como “bricha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Performer e terrorista de gênero”, emergiu na web a partir do lançamento de suas músicas e clipes.

Vinda de uma família cristã evangélica - Testemunha de Geová, foi criada em Votuporanga (interior de SP), trabalha em suas produções temas relacionados ao cotidiano da comunidade LGBT da zona leste de São Paulo, onde vive hoje, além de questões como violência de gênero, supremacia do homem branco, cisgênero e heterossexual.

Seu canal no *Youtube* é composto atualmente por 26 vídeos⁸, entre eles clipes musicais, lyric vídeos⁹, faixas de áudio, apresentações ao vivo e vídeos de

intervenção, e conta com mais de 25 mil inscritos e cerca de um milhão e quinhentas mil visualizações. Uma audiência que outrora não teria possibilidade de acesso ao material sociocultural produzido por Linn, já que este não tem fácil abertura e adesão nos principais veículos de comunicação tradicionais. Embora a rede social de compartilhamento de vídeo tenha, em 2017, colocado uma restrição aos usuários¹⁰, ainda é mais fácil ter acesso a este material *online*. Prova disso, no último semestre do ano, o canal ganhou 7 mil inscritos, tendo um crescimento de 28%, aumento que se deu especialmente após o lançamento do álbum visual da performer, “Pajubá”, em Setembro.

Linn da Quebrada embala suas narrativas em diversos estilos musicais como o samba, *hip hop*, MPB, trabalhando com maior ênfase o *funk*. O

⁸ Número constatado em 1º de Dezembro de 2017.

⁹ Vídeos musicais, onde além da faixa do áudio, também é composto pela letra da música. São utilizados frequentemente para ajudar a divulgar algum trabalho significativo e para que a audiência possa aprender a letra da música. Geralmente possuem alguma animação ou gravação específica como background.

¹⁰ Com a nova política de restrição de *Youtube*, alguns conteúdos considerados inapropriados para menores de idade só podem ser acessados se o usuário estiver “logado” em sua conta e for maior de idade. A maioria dos vídeos com algum tipo de conteúdo LGBT entrou nessa medida restritiva.

gênero musical simboliza expressiva potência social, uma vez que se origina nas classes populares e periféricas urbanas que tencionam as estruturas de poder presentes na política cotidiana e, se estabelece como um movimento cultural quando “propõem borrar as fronteiras simbólicas e geográficas da periferia por meio de outras ordens estéticas e comunicativas” (CANCLINI apud REZENDE, 2016, p.1).

A ascensão do funk no país tem sua origem ainda na década de 1970, em período pós-ditadura militar onde a projeção cultural e mítica do Brasil como uma nação harmonizada étnica e socialmente, começava a se romper, simultaneamente com movimentos como a globalização, que apontavam para novos formatos de comunicação, sem que houvesse necessariamente a ligação com traços territoriais e a pureza nacional, gerando assim tensões entre o estrangeiro e o nacional, o moderno e o tradicional (YÚDICE, 2006).

Com reflexos na década de 2010, a hibridização entre esses campos

tensionados, inspirados em uma reflexão sobre a realidade de determinados grupos sociais, como a comunidade LGBT e grupos feministas, fizeram do *funk* um instrumento de militância, especialmente quando esses grupos originam-se das periferias, sendo assim duplamente oprimidos, em gênero/sexualidade e classe, onde as representações dos meios tradicionais de comunicação acontecem de maneira insatisfatória e afinado com a realidade cotidiana das classes mais altas, não retratando com fidelidade a existência e resistência desses movimentos quando nas periferias. A alternativa utilizada por Linn e muitas outras é o ciberespaço, a partir de suas tecnologias de interação.

Em seu primeiro vídeo clipe postado no canal, em análise no presente artigo, a performer trata da feminilidade nos corpos masculinos e femininos, independente da sexualidade, como uma forma de desconstruir a

heteronormatividade¹¹, originada no machismo da sociedade patriarcal a qual nos encontramos inseridos. Com o título “Enviadescer”¹², o vídeo conta com mais de 505 mil visualizações, dez mil curtidas e mais de 400 comentários, sendo o vídeo mais assistido do canal.

A música se inicia com a cantora avisando a um personagem homem cisgênero¹³, homossexual “discreto”, que ela não está interessada somente em seu órgão genital. A narrativa da música segue com a declaração de preferência as “bichas afeminadas”, como no trecho abaixo:

Hey, pssiu, você aí,
Macho Discreto,
chega mais, cola
aqui,
vamo bater um

¹¹ Termo que se refere a situações onde uma série de comportamentos diferentes do moldes heterossexuais são marginalizados, ignorados ou perseguidos. Está também associado aos papéis de gênero que cada indivíduo “deve” desempenhar, de acordo com seu sexo biológico.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>.

¹³ Oposto de trans gênero. Identifica-se com a identidade de gênero atribuída ao seu sexo biológico.

papo reto,
que eu não to
interessada no seu
grande pau ereto.
Eu gosto mesmo é
das bicha!
das que são
afeminada
das que mostram
muita pele, rebolam,
saem maquiada
(Linn da Quebrada – Enviadescer)

Como uma das marcas do funk, a música também simula uma conversação direta entre a intérprete e um interlocutor, a quem ela se refere como “macho discreto”, termo que remete a homossexuais que seguem os padrões da heteronormatividade, ou seja, embora se relacionem com outros homens, travestis, mulheres trans, tem atitudes associadas ao comportamento masculino de um homem heterossexual.

Antes mesmo de nascermos, a partir do pré-natal, momento em que o sexo biológico das promessas de corpos

é revelada, uma série de expectativas são reproduzidas socialmente. A autora Berenice Bento (2010) considera gênero como algo produzível, e que este constitui-se de um processo inacabado para repercutir corpos-sexuados heterossexuais, ou seja, dá-se um carácter de causa para um efeito ao estipular para um corpo com pênis uma série de padrões de comportamentos, gostos, e sexualidade, levando em consideração apenas características biológicas. Um sujeito com pênis, quando nascer, já estará inserido neste espectro de expectativas que irão preparar aquele corpo para a vida heterossexual convencionalizada como masculina.

Esta preparação ocorre por meio das "tecnologias que produzem os gêneros", que vão das roupas escolhidas para determinados sujeitos, até as posições que este "naturalmente" ocupará na sociedade. Quando se estimula sujeitos nascidos com vagina a brincarem de casinha e boneca, prepara-se aquele corpo para a vida adulta caseira, submissa, amorosa, delicada, apta

a cuidar das crianças (filhos), da casa e do marido, papéis sociais tidos como femininos. O oposto ocorre com as características impostas ao masculino, onde sujeitos nascidos com pênis são estimuladas a competitividade, agressividade, força, e por meio de uma série de tecnologias, são preparados para a vida social fora de casa e independente (BENTO, 2010).

A partir disto, pode-se afirmar que os papéis de gênero são produzíveis, adquirindo concretude a partir das vestimentas, dos gestos e olhares que cobrem os corpos, assim como a estilística e estética corporal convencionalizadas como apropriadas para cada corpo, "São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo, que é basicamente instável, flexível e plástico" (BENTO, 2003, p.3). As legitimidades das performances são então adquiridas a partir das repetições

Essas infundáveis repetições funcionam como citações e, cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento

para sua existência a crença de que são determinados pela natureza. [...] é a repetição que possibilita a eficácia dos atos performativos que sustentam e reforçam as identidades hegemônicas (BENTO, 2003, p.03).

Enquanto travesti, Linn da Quebrada interpreta socialmente um papel tido como feminino, mesmo que tenha nascido com o órgão genital masculino. A experiência transexual nos revela não apenas que gênero é uma categoria produzível socialmente a partir de uma série de tecnologias, mas que também que a sexualidade está deslocada de qualquer referência biológica.

Desta forma, podemos perceber o trânsito entre os gêneros como uma oportunidade de compreender as múltiplas possibilidades de ressignificar o masculino e o feminino em seu caráter performático. Visto que homens e mulheres biológicos também interpretam os papéis performáticos de gênero, tanto quanto as pessoas trans, diferenciando apenas a partir da legitimidade social em suas ações (BENTO, 2010).

Linn crítica, em “enviadescer”, alguns pressupostos, entre eles os corpos sexuados. Ao se colocar como uma pessoa travesti, reivindica feminilidade e reforça padrões femininos em suas roupas e estilística corporal, mesmo tendo nascido com um corpo biológico masculino. Ainda em sua canção, descontextualiza o papel “marginal” em que a lógica cis-heteronormativa hegemônica insere as pessoas que fogem dos padrões do binarismo de gênero. Trata-se do homem “afeminado”, do homossexual “afeminado”, assim como as mulheres “masculinizadas” e os próprios sujeitos que transitam entre essa lógica dicotômica.

Como parte de seu movimento político, a música refere-se a “enviadescer” como uma forma de romper com tais padrões da heteronormatividade. De maneira a representar outros segmentos da população LGBT, em um verso ela canta: “Pode vir, cola junto, as transviada sapatão”, fazendo da música uma espécie de manifesto contra uma cultura

machista, e empoderando as mulheres cis gênero, travestis, transexuais, lésbicas e homens gays afeminados.

Destaca-se aqui a diferença entre gênero e sexualidade, o fato de um indivíduo ser homossexual não implica que este interprete um papel gênero tido como "feminino", ocorre que dentro do segmento LGBT, também existem reproduções do patriarcado. Nessas relações estruturais, sociais e de poder, está presente a associação da imagem de um gay que assume um papel de gênero "feminino" como inferior aquele que se mantém de acordo com as regras da heteronormatividade, independente de sua sexualidade. Em outras palavras, o "macho discreto" tem privilégios em relação aos homossexuais "afeminados", as lésbicas, as travestis e transexuais, apenas por interpretar o papel " másculo", em um contexto social em que as masculinidades são privilegiadas.

Isso ocorre porque a sociedade encara os corpos sexuais legítimos como heterossexuais, ainda associando gênero a sexualidade. Pela sexualidade se

desenvolver em âmbito privado, vai ser através do gênero que as instituições tentaram garantir a panótipa dos gêneros¹⁴.

As interações sociais são fundamentais neste processo de construção de uma identidade gênero e interpretação de seus papéis, e a influência da comunicação neste processo é notória. Os indivíduos aprendem a avaliar seus corpos, suas atitudes e imagens a partir das interações construídas socialmente (BECKER apud RUSSO, 2005). Os papéis de gênero que desempenhamos remetem de algum modo ao sentido das imagens que circulam na sociedade e se constroem a partir de inúmeras interações e relacionamentos que ali se estabelecem, fazendo com que determinada imagem

¹⁴ Como apontada por Berenice Bento (2010), faz alusão as características do poder disciplinar foucautiano, em que um conjunto de métodos permite um controle rígido das operações dos corpos que tem como objetivo assegurar-lhes produtividade e utilidade, servindo de sensor constante nas ações dos sujeitos, penetrando até nos lugares mais íntimos de cada.

seja apreciada enquanto outra é rejeitada (RUSSO, 2005).

Neste sentido, o trabalho de Linn da Quebrada e muitas outras pessoas trans que representam o trânsito entre os gêneros, tem papel social fundamental quando encarados como citações descontextualizadas, termo cunhado por Judith Butler em que

As repetições descontextualizadas do "contexto natural" dos sexos, consideradas pela autora enquanto "performatividades *queer*", que possibilitam a emergência de práticas que interrompam a reprodução das normas de gênero e abre espaço para produção de contra-discursos à naturalização das identidades (BENTO, 2003, p.03).

Em "Enviadescer", Linn descontextualiza o significado do termo "veado", que, até remetia a algo ruim, pois associa a imagem de um homem com um comportamento feminino. Ao fazer a produção, abre-se um espaço para que "veado" não seja algo a se temer ou um termo tido como ofensivo, mas sim como algo a se orgulhar, pois não há nada de errado em cultivar a feminilidade, independente do corpo em que está

inserida, pois não há nada de errado na feminilidade. "Enviadescer" vira um verbo, refere-se a uma ação a que todos podem ser submetidos, não apenas no sentido de ser mais afeminado, mas sim em subverter uma lógica opressora.

A narrativa visual do vídeo clipe segue a temática da representatividade LGBT com a periferia, em que as locações utilizadas na produção são cenários urbanos, periféricos, como ruas e galpões. O clipe é gravado durante o dia e de maneira colorida e conta com a participação de diversos sujeitos trans, lésbicas, travestis, homens e mulheres cis, além do protagonismo da própria interprete.

Recepção e Descontextualização

Com a abertura nos campos participativos e interacionais no ciberespaço, a partir da Web 2.0, não somente a produção de conteúdo, como o produzido pela performer Linn da Quebrada, foi possibilitado, como também, abre-se um novo campo para

representações, ressignificações e, especialmente, para a publicação da ressignificação feita pela audiência. O campo da recepção foi, talvez, o mais atualizado com as mudanças trazidas pela Web 2.0, a partir do momento que ela não ocorre de maneira isolada e solitária, mas sim em conjunto e com a possibilidade de hibridização. Um trabalho como clipe musical de “enviadescer” trás um ambiente rico e tenso para se compreender como as audiências interpretam o conteúdo produzido pelos gêneros dissidentes e como este público se manifestam, se relacionam, a partir deste conteúdo.

Quando nos referimos ao campo da recepção, estamos falando de um espaço dentro do circuito da comunicação (Stuart Hall apud Santi, 2016) onde se pode refletir todo o seu processo, levando em conta não somente sua produção, mas especialmente como ela é recebida por uma audiência. Quando se trata desta, os Estudos de Recepção (ER) compreendem que existe uma estrutura social, construída e

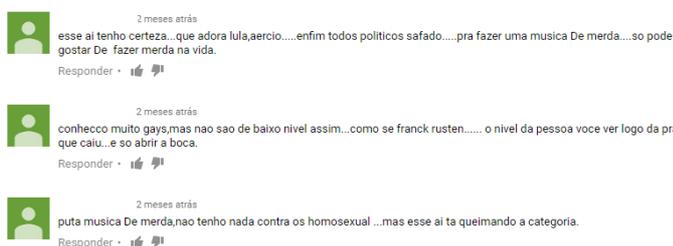
localizada historicamente, a qual a audiência faz parte e que influencia em sua capacidade crítica e criativa de significação de determinado conteúdo (ESCOSTEGUY, 2010).

Tendo como matéria-prima a cultura, a comunicação faz mover representações sociais que motivam ações em sujeitos, que por sua vez possuem um histórico e estão presentes em um contexto de dominação historicamente e socialmente definido (ESCOSTEGUY, 2010). Tomando como conceito de cultura o “processo integral pelo qual significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados” (Stuart Hall apud ESCOSTEGUY, 2010), as representações presentes nas produções trans no *Youtube*, seus campos de interações e ressignificações expressos nos comentários são fundamentais para se compreender as relações culturais que pessoas LGBT encaram em seu cotidiano. Logo, em uma análise deste tipo, não podemos tomar um sujeito sem considerar quem ele é, a que estrutura

social este pertence, como esta estrutura social foi culturalmente construída e como novas produções, representações e interações auxiliam no processo de atualização cultural.

A partir de uma análise qualitativa, estudaremos alguns comentários relevantes expressados no campo de interação da rede social *Youtube*, a fim de compreender as diferentes formas que o conteúdo de “Enviadescer” é recebido culturalmente. Classificamos os comentários analisados em duas categorias: Negativos e Positivos.

Imagem I: Comentário Negativo



Fonte: O autor

No comentário o “Eu” está em uma relação com “Nós/Todos” visto que não se dirige a um grupo específico o qual existe uma consciência de pertencimento

ou identificação de valores convergentes. Sua forma de reagir ao conteúdo é expressa por três comentários que não obtiveram resposta, nem índices de popularidade (comentários/réplicas, “gostei” ou “não gostei”¹⁵).

Em seu primeiro comentário, em ordem cronológica (de baixo para cima) é feito um julgamento de juízo valor, a princípio sobre o gosto da música, onde o usuário afirma não ter gostado. Imediatamente ele faz uma ligação ao fato de não ter gostado do conteúdo com a constatação de que Linn é uma travesti (ou como é chamado pelo usuário, homossexual). No fim de sua primeira publicação, o “Eu” diz que Linn está “queimando a categoria”, referindo-se à população LGBT. A sentença pode ser compreendida pela classificação de superioridade em que gays afeminados e que “dão pinta” são considerados inferiores aqueles que, mesmo se relacionando sexualmente com pessoas

¹⁵ Elementos possibilitados pela tecnologia desenvolvida a partir da Web 2.0 e que personalizados para as redes sociais, tendo em cada uma delas, uma característica específica.

do mesmo sexo, mantém um padrão heteronormativo. Quando alguém LGBT rompe com tais padrões, é considerado como alguém representa mal este segmento.

O segundo comentário se mantém na mesma linha de pensamento do primeiro, à medida que há uma comparação da performer com um homossexual, embora Linn da Quebrada seja uma travesti. A expressão “o nível da pessoa se vê logo da prateleira que caiu”, confirma uma hierarquização humana implícita nas formas de se enxergar o outro.

O último comentário do usuário tem uma conotação crítica-política quando este associa a produção do clipe com alguns nomes de políticos, que o mesmo julga serem más influências, associando assim o juízo valor que atribuiu a arte da performer com a atuação de determinadas figuras públicas brasileiras.

Imagem II: Comentário Positivo



Fonte: O autor.

O segundo comentário analisado também representa uma interação entre “Eu” e “Nós/Todos”. Neste podemos ver sinais de interação de outros usuários dentro do site, através do mecanismo “gostei”, onde 31 usuários marcaram ter gostado da expressão de significação.

A recepção deste usuário é expressa a partir de apenas um comentário, onde ele externa sua sexualidade se afirmando como heterossexual ao dizer que é “macho hetero”, porém após ver o conteúdo do vídeo clipe o sujeito “enviadesceu”. Não acreditamos que existam pessoas que se tornem heterossexual ou homossexual, visto que a sexualidade de um individuo não é uma escolha, nasce-se e desenvolve-se ela ao longo de sua vida

(SOUZA, 2012), porém ao dizer que se tornou “viado”, o usuário afirma a intenção da música, como uma citação decontextualizada, de explorar e valorizar o feminino, independente de sua sexualidade ou gênero. O comentário foi classificado como positivo, pois, além de dizer que adorou o conteúdo, mostrando aprovação ao vídeo, conseguiu interpretar a principal mensagem trazida pela performer.

Em sua maioria, os comentários expressos no campo nos campos de interação do vídeo foram favoráveis e vindos de um público LGBT que, além de se sentir representado pelo trabalho de Linn da Quebrada, também mostraram empolgação com a letra e a com a performance feita. Porém, por se tratar de um campo com espaço de fala para qualquer usuário, e devida a alta taxa de popularidade do vídeo, pessoas que não pertencem a população LGBT tem acesso ao conteúdo e sua presença, expressa nos comentários, dividem-se entre sentenças de apoio e de rejeição, fortalecendo a

característica democrática do ciberespaço.

Conclusões

O ciberespaço tem modificado as formas de relacionamento dos indivíduos com o meio ao qual estão inseridos. Mesmo com uma distribuição de acesso desigual, seu efeito tem proporcionado autonomia para propor novos modelos de comunicação, com enfoque mais democrático e inclusivo comparado aos meios tradicionais de comunicação. Mesmo inseridos em monopólios cibernéticos, como no caso no *Google*, e suas restrições e políticas de privacidade, tem-se uma abertura inédita no processo de comunicação, que possibilita grupos marginalizados socialmente, um papel de centralidade e protagonismo no âmbito cultural.

As culturas periféricas, politizadas e engajadas, tem ganhado voz e visibilidade para seus semelhantes e divergentes, inclusive ganhado espaço nos veículos tradicionais, a partir de suas

audiências na web. Este processo começou a se desenvolver nas necessidades da audiência em participar ativamente do processo de reformulação cultural constante e das novas tecnologias de comunicação, abertas com a segunda fase da internet, WEB 2.0, que com ajuda de aparatos tecnológicos, permitiu a participação dos usuários e especialmente suas interações.

Sendo o campo interacional fundamental para a formulação de representações sociais contemporâneas, e a centralidade das redes digitais nas mediações sociais modernas, fatos constatados, grupos como a comunidade LGBT, com especial ênfase na comunidade trans, encontra um espaço para se representar de maneira autônoma.

O espaço da recepção dos trabalhos audiovisuais de Linn da Quebrada, expressos nos comentários, nos auxiliam a entender e exemplificar esse novo processo comunicacional, tendo como a recepção como um novo e rico espaço para se pensar a

comunicação, a partir da forma como o conteúdo da produção é significado e ressignificado pela audiência.

Nota-se que já existe uma movimentação para a descontextualização do hetero estereótipo-negativo da população de gêneros dissidentes, e que muitas pessoas da sigla se sente representadas e empoderadas com trabalhos deste nicho, porém, ainda existem manifestações contrárias a este movimento que mostram que os espaços a serem conquistado pelas minorias sociais ainda são muitos. Para que haja uma real mudança social, em todas suas camadas e classes, é necessário que se rompa com a bolha de interesses da internet, e que o respeito, coexistência e compaixão com o próximo seja algo incentivado e divulgado em todos os meios de comunicação, dos nichos as massas, dos tradicionais aos novos.

Referências

BENTO, Berenice. ***Transexuais, corpos e próteses.*** Labrys Estudos feministas. Brasília, s/n, n.4, ago-dez. 2003, não paginado.

BENTO, Berenice. ***As tecnologias que fazem os gêneros.*** VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. Curitiba. 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERRARI, Pollyana. **A Força das Mídias Social.** Interface e Linguagem jornalística no ambiente Digital. 2ª edição. São Paulo. Estação das Letras e Cores. 2015.

GAMA, Adriana Ferreira; SANTOS, Aline Renée Benigno dos; FONFOCA, Educaro. **Teoria das representações sociais:** uma análise crítica da comunicação de massa e

da mídia. In: Revista Temática. Ano VI, n. 10. Paraná. 2010.

GROSSI, Miriam. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Santa Catarina. Underlined. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura de Convergência.** São Paulo. Aleph. 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo. Editora 34. 1999.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. PEREIRA, Marcos Emanuel. **Estereótipos, preconceitos e discriminação – Perspectivas teóricas e metodológicas.** Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFBA. Bahia. 2004

PRIMO, Alex. **O Aspecto Relacional das Interações na Web 2.0.** In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio Grande do Sul. 2007.

RAUN, Tobias. **Screen-Births:** exploring the transformative potential in trans video

blogs on YouTube (Nascimento em telas: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no *Youtube*). In: Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRN. Vol11, Nº 2. Tradução de Jaqueline Gomez de Jesus. Universidade de Brasília. Brasília. 2010.

REZENDE, Aline da Silva Borges. **Funk paulista, culturas bastardas e narrativas pop-líticas**: Um olhar sobre as outras lógicas de existência periférica na ostentação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo – SP. 2016.

RUSSO. Renata. **Imagem corporal**: construção através da cultura do belo. Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005.

SANTI. Vilso Júnior Chierentin. **As representações no circuito das notícias**: O movimento dos trabalhadores rurais sem-terra no jornal zero hora. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande de Sul. 2009.

SANTI, Vilso Junior. **Mediação e midiatização**: conexões e desconexões na análise comunicacional. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2016.

SILVA, Francisco Viera da. **Os Vlogs e a Emergência da (ex)Intimidade na Web**. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba. 2014.

SOUZA, Jéssica Tauane de. **Canal das Bee**: O Youtube como plataforma para o ativismo LGBT. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2012.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.